



**Universidade de Brasília – UnB Instituto de  
Letras Departamento de Teoria Literária e  
Literatura – TEL**

**REVOLUÇÃO: protesto e resistência no livro  
*Não vou mais lavar os pratos* de Cristiane Sobral**

**BRASÍLIA  
2021**

**Karen Elen Nunes de Almeida**

**REVOLUÇÃO: protesto e resistência no livro  
*Não vou mais lavar os pratos* de Cristiane Sobral**

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura – TEL na Universidade de Brasília para obtenção do título de licenciada em Letras Português: Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Adriana de Fátima Barbosa Araújo.

**BRASÍLIA  
2021**

*Às professoras e aos professores do Brasil.  
À minha família que sempre me apoiou.*

## **Agradecimentos**

*Agradeço à Deus pela minha existência, por ser a minha força e o meu alicerce.*

*À Santíssima Virgem Maria, que me cobre com o seu manto sagrado.*

*Aos meus pais Nilzeni e Ivam que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória. Sem a ajuda de vocês, eu não teria chegado até aqui. A vocês a minha eterna gratidão e meu eterno amor!*

*Aos meus irmãos Cássia e Igor pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações.*

*À minha amiga Bárbara pela confiança no meu progresso e pelo apoio emocional.*

*À minha querida orientadora professora Adriana, que apesar da intensa rotina de sua vida acadêmica aceitou me orientar nesta monografia. As suas valiosas indicações fizeram toda a diferença. Obrigada, Adriana!*

*À esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração.*

*Ao Armando (in memoriam) que sempre se dedicava aos estudantes com gentileza e afeto.*

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo discutir as reivindicações presentes nos poemas de Cristiane Sobral na obra *Não vou mais lavar os pratos*, em sua terceira edição (2017). A primeira versão é de 2010, sendo esse o primeiro livro publicado da autora, que é carioca, mas reside no Distrito Federal. Cristiane Sobral é atriz, escritora, dramaturga e poeta brasileira. *Não vou mais lavar os pratos* reúne 123 poemas que estão estreitamente ligados ao cotidiano, ao jeito de ser, sentir e viver da população negra. Enfrentando os padrões da cultura dominante, gritos de protestos foram recorrentes nos poemas da obra supracitada. Segundo Lélia Gonzalez (2020, p. 277) a “militância é importante para despertar a conscientização e permitir a crítica”. Nesse contexto, Cristiane Sobral acredita na estética literária afro-brasileira como um discurso consciente, um manifesto de sobrevivência e resistência (2017). Assim sendo, a poesia permite a estesia, essa capacidade de perceber o sentimento da beleza poética.

**Palavras-Chaves:** Cristiane Sobral; poemas; protesto; resistência; luta

**Abstract:** This study aims to discuss the claims present in the poems of Cristiane Sobral in the work *I will no longer wash the dishes*, in its third edition (2017). Having its first version published in 2010, this was the author's first published book, which is carioca, but lives in the Federal District. Cristiane Sobral is a Brazilian actress, writer, playwright and poet. *I will no longer wash the dishes* brings together 123 poems that are closely linked to daily life, to the way of being, feeling and living of the black population. Facing the patterns of the dominant culture, cries of protest were recurring in the poems of the aforementioned work. According to Lélia Gonzalez (2020, p. 277), "militancy is important for raising awareness and allowing criticism". In this context, Cristiane Sobral believes in the Afro-Brazilian literary aesthetic as a conscious discourse, a manifesto of survival and resistance (2017). Poetry allows aesthetics, this ability to perceive the feeling of poetic beauty.

**Keywords:** Cristiane Sobral; poems; protest; resistance; struggle

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
1. PALAVRAS DE REINVINDICAÇÃO E DISCURSO POLÍTICO.....	9
2. (DES) CONSTRUINDO PAPÉIS E FUNÇÕES SOCIOCULTURAIS.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	21

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mulher, branca, bissexual, professora, brasiliense e moradora de uma região administrativa<sup>3</sup> periférica. Para elucidar a discussão a seguir, é importante esclarecer que é a partir desse lugar que eu falarei. Ponho-me em face de respeito aos contextos, ideias e histórias das autoras e autores que serão citados. Não quero, não posso e não é meu objetivo me superiorizar ou reconstituir espaços para que as vozes sejam ouvidas. Jamais. As mesmas já são protagonistas, dignas e legítimas para isso.

O lugar de fala mostra que o conhecimento é corpóreo, ou seja, os corpos são sociais e partem de lugares diferentes ao elaborar um discurso. Eles não estão nos espaços da mesma forma. Reconheço a minha posição frente as experiências nessas relações de poder. Os diálogos tecidos nesse estudo querem mostrar como as poesias de Cristiane Sobral, aqui se tratando especificamente do livro *Não vou mais lavar os pratos*, inquietam, ensinam, provocam e despertam a consciência crítica.

Nascida no Rio de Janeiro, porém residindo no Distrito Federal, Cristiane Sobral é atriz, escritora, dramaturga e poeta brasileira. Sua obra *Não vou mais lavar os pratos* foi publicada pela primeira vez em 2010, sendo considerada o primeiro livro da autora. Neste estudo, utilizo a terceira versão publicada em 2017. *Não vou mais lavar os pratos* é um livro que reúne 123 poemas que perpassam as mais variadas temáticas do ser, sentir e viver da população negra.

Sendo a poesia um grande e importante veículo de informação e formação crítico-reflexiva, destaca-se que o presente estudo tem como objetivo discutir as reivindicações presentes nos poemas de Cristiane Sobral na obra *Não vou mais lavar os pratos*. Este não é um estudo acabado, mas de inacabamentos! Dessa forma o encontro com a cultura humanística possibilita diferentes questionamentos propostos pela voz poética de Cristiane.

---

<sup>3</sup> O Distrito Federal é dividido em 33 regiões administrativas, cujos limites físicos definem a jurisdição da ação governamental para fins de descentralização administrativa e coordenação dos serviços públicos.

## 1. PALAVRAS DE REINVIDICAÇÃO E DISCURSO POLÍTICO

A palavra deve desafiar os paradoxos da realidade,  
instigar os sentidos e  
mentes adormecidas.  
[...]  
(SOBRAL, 2016)<sup>4</sup>

A produção literária de Cristiane Sobral perpassa diferentes temáticas como: maternidade, ancestralidade, formas de dominação, estrutura de classe, regime escravista, discriminação e outros. Em 2017 numa entrevista para o UnBTV, disponibilizada no Youtube<sup>5</sup> e intitulada “Literatura negra com Cristiane Sobral”, a escritora afirma que continuar produzindo, ou seja, continuar com as suas produções literárias é uma forma de desafiar os padrões. Nessa entrevista, ao ser questionada se considera a sua literatura uma resistência ela diz: “sim, é resistência na medida dessa marcação de um espaço e a própria permanência nossa dentro desse campo literário. Nós sabemos que o Brasil ainda tem muito a avançar do ponto de vista da conquista de leitores”. Com isso, os escritos de Sobral são discursos políticos para a transformação. As lutas contra a exclusão, dominação, discriminação e repressão são modos de re-existência.

Sobre o seu primeiro livro *Não vou mais lavar os pratos* a escritora diz que a obra é uma decisão, uma atitude impositiva, uma tentativa, um exercício de mudança do estado de coisas (SOBRAL, 2017). A literatura de Cristiane não diz respeito a sua vitimização, mas são palavras de luta. Nesse sentido, Ribeiro (2018, s/p)<sup>6</sup> declara que: “pessoas que lutam contra as desigualdades não se fazem de vítimas: são vítimas de um sistema perverso e, ao mesmo tempo, sujeitos de ação, porque o denunciam e lutam para mudá-lo”.

O primeiro poema da obra “Não vou mais lavar os pratos”, este que dá título ao livro, apresenta “um grito de liberdade à imposição de padrões sociais” (CARVALHO, 2016, p. 8). Em sua primeira estrofe: “Não vou mais lavar os pratos/ nem vou limpar a

---

<sup>4</sup> Trecho do texto: Pensando sobre poesia, disponível no blog de Cristiane: <https://cristianesobral.blogspot.com/2016/05/pensando-sobre-poesia.html?view=mosaic> > Acesso 7 de outubro de 2021

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fiO4aGhzGK0> Acesso em: 11 de outubro de 2021.

<sup>6</sup> Foi utilizado uma versão do livro de Ribeiro que não apresenta a paginação.

poeira dos móveis/ sinto muito/ comecei a ler”, a autora aponta para os papéis domésticos e socioculturais historicamente construídos em torno da mulher negra, mas que ela encontrou no espaço de produção literária uma forma de luta e contestação. Segundo Conceição Evaristo:

Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere as —normas cultasll da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada (EVARISTO, 2007, p. 21).

Dessa forma, a eu-lírica<sup>7</sup> se apresenta uma mulher livre que encontrou a sua independência. A recusa em não lavar os pratos, embora pareça uma atividade banal, mostra a percepção da sujeita poética acerca da discriminação da mulher negra e da divisão racial do trabalho, logo, a recusa em não lavar os pratos diz respeito ao enfeitamento daquilo que é imposto às mulheres negras. Nesse sentido, Lélia Gonzalez relata:

“quanto à mulher negra, sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas faz com que ela se volte para a prestação de serviços domésticos, o que a coloca numa situação de sujeição, de dependência das famílias de classe média branca. A empregada doméstica tem sofrido um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da “inferioridade”, da subordinação.” (GONZALEZ, 2020, p. 35)

Diante disso, além do combate às formas de dominação e ao pensamento racista, questões relativas ao discurso de reivindicação, protesto, palavras de ordem e imposição também ganham força na tessitura poética do livro. No poema *Abrúptero* (SOBRAL, 2017, p. 34), a autora reporta a infertilidade e a decisão da mulher em não optar pela maternidade:

Quem disse que são infelizes as mulheres inférteis?  
Quem disse que são felizes as mulheres com as suas mamadeiras?  
É preciso muito peito para não parir e não parar  
É preciso ter muito peito para enfrentar as surpresas da existência

Abaixo os inacreditáveis roteiros com final feliz

---

<sup>7</sup> A decisão consciente pelas formas: eu-lírica e sujeita, ressalta o desejo de descolonização do saber e da linguagem.

Vaias amplificadas para a tendência latina aos melodramas...  
Viva a coragem de encarar os próprios problemas!  
Algumas dores jamais serão resolvidas

Abrúptero  
Viva o direito às novas formas de vida  
Abaixo o saber pelo sofrer

Abrútero  
Não é preciso crer na falta como um defeito  
Viva o saber pelo sentir e a esperança das portas abertas.

Ao ler *Abrúptero*, pode-se inferir que há uma junção da palavra *abrupto* com *útero*, resumindo no título o que percorre durante o poema. Ao explorar o poema, entende-se que Sobral faz essa junção (*abrupto*) referindo-se a um parto brutal, com a ideia de que durante toda a história as mulheres foram e ainda são, muitas vezes, forçadas a serem mães, como uma obrigatoriedade imposta pela sociedade patriarcal. Também podemos deduzir referências sobre a violência obstétrica, uma forma de desumanização das mulheres. Segundo Silva (2021, s/p), no poema *Abrúptero* há ressonância do poema “Poética” de Manuel Bandeira:

O tom de protesto de “*Abruptero*”, como se o eu-lírico feminino tivesse gritando em uma praça, alude ao poema “*Poética*”, de Manuel Bandeira, quando o sujeito poético gritava “*Abaixo os Puristas*”, protestando contra as formas fixas e engessadas, defendendo a liberdade temática e formal na construção poética. O protesto do eu-lírico feminino de “*Abrúptero*” é contra a alienação das histórias românticas com sabor açucarado, na literatura e no cinema, que faz com que as pessoas, especialmente as mulheres, fiquem na constante expectativa de um final feliz, em vez de encarar os problemas de frente.<sup>8</sup>

Ao iniciar o poema, em tom de revolta, com “*Quem disse que são infelizes as mulheres inférteis? Quem disse que são felizes as mulheres com suas mamadeiras?*”, podemos inferir que a eu-lírica busca romper com a ideia de que a maternidade se constitui como prerrogativa de existência legítima para as mulheres e que aquelas que escolhem não ter filho ou que não podem ter filho são infelizes, mal amadas; um ato que deslegitima a dignidade dessa mulher que não é mãe. Diante disso, a poética sobralina de Cristiane Sobral, em que o cerne geralmente é o cotidiano, postula a liberdade formal. No verso 3 e 4, da primeira estrofe, pode-se inferir que é preciso

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/205-ser-mae-e-padecer-no-paraiso-a-tematizacao-do-amor-materno-em-nao-vou-mais-lavar-os-pratos-de-cristiane-sobral-critica>  
Acesso em: 13 de out de 2021

coragem e força para a mulher que escolhe não ter ou não pode ter filhos e segue sua vida conquistando seus desejos, sonhos e garantindo seu espaço na sociedade, como também é preciso coragem para parir e continuar a vida, sem parar.

Na segunda estrofe composta por 4 versos, a autora diz: **Abaixo** os inacreditáveis roteiros com finais felizes/ **Vaias** amplificadas para a tendência latina aos melodramas.../ **Viva** a coragem de encarar os próprios problemas! / Algumas dores jamais serão resolvidas; as palavras sublinhadas assemelham-se às elocuições de protestos apresentadas nesse e em outros poemas. Sem a presença de rima nesses versos, a sujeita poética expressa reação contrária a concepção do amor romântico e exagerado de que as mulheres, ao se casarem, serão felizes para sempre.

Quando diz “Abrúptero”, no verso 9, e logo em seguida “viva o direito às novas formas de vida”, no verso 10, infere-se que a eu-lírica está querendo fortemente por um ponto final à imposição de que a maternidade é o único fim possível para as mulheres, e que se as mesmas não forem mães, não terão um reconhecimento na sociedade. Com isso, ela faz um apelo para que as novas formas de vida sejam validadas. Dessa maneira, podemos observar nos versos de *Abrúptero* “o diálogo intertextual, a partir dos versos sobralinos, em anáfora, nos quais a poeta propõe a liberdade de temas, o direito de falar sobre o cotidiano, e o fim das formas previsíveis” (SILVA, 2011, p. 165).

Esse mesmo tom de reivindicação é apresentado no poema *Declaração* (SOBRAL, 2017, p. 35), composto por 16 versos, com presença de aliteração, sendo essa repetição de fonemas um recurso rítmico em sua construção. Este poema expressa um enaltecimento às mulheres, como no verso 10 - “Deusa, fada, musa” -, e também protesta o fim das paixões passageiras:

A intertextualidade com “Poética”, de Manuel Bandeira, presentifica-se também em “Declaração”, poema em que Cristiane Sobral postula o fim das paixões provisórias e clama pela permanência maior das histórias: “**Abaixo as paixões infinitamente provisórias!** (...) Que venham as inesquecíveis histórias!” (SILVA, 2011, p. 166, grifo meu).

A intertextualidade com “Poética”, de Manuel Bandeira, é evidenciada a partir do uso de vocabulário simples, a não preferência por métricas e sim por versos livres.

O poeta também traz apelos e palavras de reivindicação como: “Abaixo os puristas/ estou farto...” (BANDEIRA, 1974). Nota-se um tom de Manifesto aos conteúdos impostos pela sociedade da época, assim como Cristiane Sobral em seus poemas. Através da liberdade poética ambos autores demonstram suas insatisfações e rompem com as regras sociais apresentando sujeitos deslegitimados. Manuel Bandeira termina o poema mostrando seu cansaço aos lirismos bem comportados e valoriza ao lirismo de libertação.

O contexto das paixões provisórias, em Cristiane Sobral, sinaliza também o espaço das mulheres negras nas relações amorosas. Miriam Santos (2018) discute o corpo político, a partir das considerações de Almeida (2015), em que o corpo da mulher negra foi colonializado dentro do contexto histórico, social e cultural brasileiro. Com isso Almeida (2015, p. 102) afirma que “o corpo deve ser entendido como um elemento simbólico material no qual fatores sociais e históricos são inscritos”. Nesse sentido, Santos (2018, p. 120), inspirada em bell hooks, diz:

Retomo “Vivendo o amor”, de bell hooks, sobre o quanto as mulheres negras sentem que em suas vidas não existe amor (hooks, 2006, p. 188). Nesse contexto, o corpo político se faz presente na representação de uma mulher negra na literatura questionando tais relacionamentos. Isso, porque a presença de um corpo negro feminino problematizando relações afetivas condiz com uma crítica social bastante contundente sobre a solidão da mulher negra: as mulheres negras concorrem em desvantagem em relação às brancas no mercado matrimonial (cf. SHWARCZ, 2012)”.

O poema *Escova progressiva* (SOBRAL, 2017, p. 82) também é um grito de protesto ao modelo hegemônico imposto de cabelo:

Se a raiz é agressiva  
Escova progressiva  
Se a raiz é agressiva  
Escova progressiva

Ai!  
Eu tenho medo do formol!  
Eu tenho medo do formol!  
Abaixo a chapinha no cabelo da neguinha  
Abaixo a chapinha no cabelo da neguinha  
Abaixo, abaixo, abaixo! (SOBRAL, 2017, p. 82)

Nesse poema a presença do encadeamento, por repetição de palavras e frases (BANDEIRA, 1960), faz com que a eu-lírica ressalte sua repulsa frente a uma

imposição estética, aqui ligada ao conceito de beleza, como também é um recurso rítmico. Segundo Lélia Gonzalez (2020, p. 277) “a mulher negra sofre uma discriminação tríplice: social, racial e sexual”. A insatisfação apresentada no poema evidencia um processo de os corpos são impactados pelos padrões de beleza, mas que esses padrões necessitam ser rompidos. No primeiro e no terceiro versos há repetição nas construções sintáticas, sendo que os versos iniciam com uma conjunção de condição “se”. Ao não seguir rigorosamente as construções lexicais e sintáticas, a sujeita poética mostra a grandeza do seu poema por meio do que Bandeira busca: o lirismo como libertação. Olhando para a composição estética do poema, a repetição da palavra **abaixo** nesse, como em outros apresentados, reforça o caráter expressivo de protesto da eu-lírica frente às imposições hegemônicas.

## 2. (DES) CONSTRUINDO PAPÉIS E FUNÇÕES SOCIOCULTURAIS

Sou uma escritora desafiando os padrões. Mulher,  
negra, suburbana, mãe, esposa. Eu existo nesse país.  
(Cristiane Sobral)<sup>9</sup>

Rompendo com o que é considerado padrão e com as formas estereotipadas, é possível notar nas poesias de Cristiane Sobral um olhar questionador aos valores dominantes. Dentre os diversos poemas que se encontram em sua obra “*Não vou mais lavar os pratos*”, destaco agora o poema “*Revolução<sup>10</sup>*”, em que a autora apresenta críticas ao machismo, às regras vigentes do patriarcado e ressalta o empoderamento feminino. O mencionado poema apresenta seis estrofes e vinte e seis versos, a partir de uma linguagem de manifestação e reivindicação dos direitos das mulheres. A poética de *Revolução* dialoga com o leitor em tempo real, apresentando

---

<sup>9</sup> Disponível em:

<sup>10</sup> O poema completo segue ao final do texto, apêndice 1

palavras de ordem, ironias e questionamentos frente à inquietação vivenciada por mulheres.

Na primeira estrofe, composta por seis versos, ao iniciar com “Greve no reino das bonecas”, a construção do verso nos permite associar a uma notícia de jornal. Isso nos permite inferir que retrata a romantização da mulher, nomeada como “boneca”, ou seja, vista como um ser frágil e estereotipado, e completando esse sentido com o verso: que “*nascem para enfeitar*” (verso 6). É possível também fazer alusão ao conceito que a sociedade criou de que as meninas só podem e devem brincar de bonecas e os meninos só podem brincar de carrinhos. Por vez, a eu-lírica em tom de manifestação - “Greve”, “Abaixo”, “Guerra” - aborda a insatisfação das mulheres que buscam ser reconhecidas além do modelo patriarcal, que atribui as mesmas a função de reprodutora, cuidadora dos filhos e servidora do marido. Agora, as mulheres querem outros direitos. Nesse sentido, a sujeita poética demonstra então desejo ao fim da imposição da sociedade sobre como a mulher deve ser, agir e o que deve fazer. Em síntese, é um grito de protesto aos privilégios oferecidos aos “Meninos”. Veja abaixo a primeira estrofe:

1ª estrofe

1<sup>11</sup> Greve no reino das bonecas  
2 Abaixo a fidelidade!  
3 Guerra à amamentação!  
4 Desde criança os meninos brincam com seus carros  
5 Dirigem a tudo e a todos  
6 Enquanto as bonecas nascem para enfeitar

Corroborando o discurso acima, um aspecto também a ser observado nessa primeira estrofe é a desigualdade e autoritarismo, nos seguintes versos: “*Desde criança os meninos brincam com seus carros. (verso 4) Dirigem a tudo e a todos. (verso 5) Enquanto as bonecas nascem para enfeitar*” (verso 6). É possível observar a metáfora na palavra dirigir à relação hierárquica de poder, mostrando a figura do homem como dominante e a da mulher como dominada, em forma desigual de direitos. Diante disso, surge o questionamento: por que a mulher não pode brincar de

---

<sup>11</sup> Esses números dizem respeito a versificação do poema.

carros? Observa-se no verso 5, na primeira estrofe, uma diferenciação do tom ao dizer que os meninos dirigem a todos. Segue abaixo a 2ª e 3ª estrofe desse poema:

2ª Estrofe

7 Abaixo a futilidade!  
8 As reuniões no clube das grávidas!  
9 Das sogras e das professoras!  
10 Bonecas exigem o direito aos orgasmos e ao futebol  
11 Bonecas também adoram filmes e dinheiro

3ª Estrofe

12 E quem é que cuida do mundo enquanto as bonecas se divertem?  
13 E quem é que cuida dos filhos enquanto os rapazes se embriagam?  
14 E quem é que aceita quando ambos pedem desculpas?

Nos versos 10 e 11, ao enfatizar “*Bonecas exigem o direito aos orgasmos e ao futebol*”, “*Bonecas também adoram filmes e dinheiro*”, observa-se palavras de ordem e exclamação, em que a eu-lírica propõe uma desconstrução dos padrões sociais vigentes, no qual pode-se remeter as ideias feministas, como pontua Djamila Ribeiro, que busca “uma sociedade sem hierarquia de gênero — o gênero não sendo utilizado para conceder privilégios ou legitimar opressão” (RIBEIRO, 2018, s/p). Isto posto, destaco a importância do movimento feminista em busca de questionar o lugar que é imposto à mulher na sociedade. O feminismo foi fundamental para a transformação do papel da mulher, apresentando questionamentos e oportunizando uma nova maneira de enxergar e ser mulher. Lélia Gonzalez (2020) menciona em seu texto as contribuições ocasionadas pelo feminismo:

desencadeou um debate público no qual emergiu a tematização de questões completamente novas — sexualidade, violência, direitos reprodutivos etc. — , revelando sua articulação com as relações tradicionais de dominação/submissão. (GONZALEZ, p.127, 2020)

Ao fazermos a leitura das estrofes acima, podemos observar a concretização do que Gonzalez (2020) cita em seu texto, no qual Cristiane Sobral ressalta a insatisfação das mulheres frente aos espaços e funções destinadas às mesmas. Cabe sublinhar que apesar de Gonzalez (2020) mostrar as contribuições fundamentais do feminismo, destaca-se que esse feminismo dito “universal” não considerou as

especificidades da mulher negra. Dessa forma, ainda hoje, os movimentos negros são silenciados. Conforme Ribeiro (2018) menciona:

Existe ainda, por parte de muitas feministas brancas, uma resistência muito grande em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam e afastam. (RIBEIRO, 2018, s/p)

Nesse contexto, a autora ressalta que pensar no feminismo negro além de pensar nas “próprias mulheres negras, categoria também diversa” (RIBEIRO, 2018, s/p) é também pensar sobre o modelo de sociedade que elas querem (RIBEIRO, 2018). Em continuidade à citação, a mencionada autora declara que “pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos” (op. it., 2018, p. 06). Sendo assim, a partir da exploração dos poemas, melhor adentra-se a realidade de que “foi construída uma imagem para a mulher como subalterna e que é socialmente e culturalmente imposta a cumprir certos papéis, funções que se configuram como outras formas de escravidão, que historicamente naturalizadas, são muitas vezes despercebidas ou negligenciadas” (SOUZA, 2015, p. 86).

Isto posto, na terceira estrofe, a eu-lírica manifesta seus versos em forma de perguntas retóricas. A cada verso a escritora realiza indagações ao leitor sobre a substituição do papel da mulher e mãe. A sujeita poética faz um importante ressalva em que os verbos “cuidar” e “aceitar” se apresentam naturalizados ao perfil a mulher, visto que, na sociedade colonial, patriarcal e heteronormativa não há espaço de diversão para as mulheres diante de tantas demandas que impuseram a elas. Se divertir, se embriagar e pedir desculpas são ações inaceitáveis em uma sociedade dominada pelo machismo. No entanto, “*as bonecas estão realmente insatisfeitas*” (verso 15), “*mas não cegas.*” (verso 16) e buscam pelo “direito à autonomia por suas escolhas, por seu corpo, por sua sexualidade” (RIBEIRO, 2018, s/p). Veja as duas últimas estrofes:

5º Estrofe

15 E quem é que faz promessas para parir somente homens?

16 E quem é que faz apostas pelo sexo mais forte?

17 E quem é que destina às mulheres o reino das sofredoras?

6º Estrofe

18 As bonecas agora reivindicam carrões  
19 Querem passear com os garotinhos  
20 As garotas e os rapazolas enfim buscam a paz  
21 Finalmente saem juntos para aprender a brincar

A sujeita poética na sexta estrofe do poema *Revolução* manifesta o empoderamento feminino a partir de palavras de reivindicação: "*As bonecas agora reivindicam carrões*"; que para além dos "*carrões*", significa uma luta de direitos. Nessa perspectiva, apresenta-se o conceito de empoderamento do feminismo negro em que segundo Ribeiro: "trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres como sujeitos ativos da mudança" (RIBEIRO, 2018, s/p); sendo a busca pela justiça, autonomia e direito de escolha, uma luta coletiva.

No verso 18 as palavras "*agora*" e "*reivindicam*" nos remete também à ideia de que de muitas mulheres hoje em dia já saíram do período de não enxergar a própria subordinação imposta pela sociedade e começaram a reivindicar seus direitos. Com o passar dos anos, as mulheres estão percebendo que foram silenciadas durante toda a história e estão lutando pelos direitos que os homens sempre tiveram, ou seja, esse empoderamento feminino advém da não aceitação das injustiças e desigualdades que percorreram e percorrem a história da sociedade.

No verso 19 em "*querem passear com os garotinhos*" é possível perceber que a autora, de forma perspicaz, inverte o papel padrão, considerado masculino, que é os meninos terem carros para passearem com as "*garotinhas*", trazendo agora esse papel para as meninas. É possível também depreender que a eu-lírica coloca em jogo a ideia de que os desejos e vontades dos homens são aceitos porque fazem parte da sua masculinidade, mostrando que a mulher também pode ter o desejo que quiser, mesmo sendo um desejo ditado pelo patriarcado como masculino.

Ao analisar a 5° e 6° estrofe, em especial, na parte "*quem é que destina às mulheres o reino das sofredoras?*" vale ressaltar as agressões emocional, física, moral, sexual e simbólica (SANTOS, 2018) que a mulher sofre, o que se torna mais opressivo para a mulher negra, já que, precisa enfrentar a tríplice discriminação: raça, classe e sexo (GONZALEZ, 2020). Essas formas de opressão e exclusão, ainda fortemente presentes na sociedade, faz com que a mulher negra seja o alvo mais desprestigiado, pois como afirma Gonzalez (1984, p. 224): "o racismo em articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular".

Nesses últimos versos deduz-se que há uma ironia frente a luta das mulheres, pois as mesmas, apesar de reivindicarem bastante, continuam não tendo voz legítima para serem ouvidas e que tudo acaba como em um conto de fadas. Nesses versos podemos fazer uma relação com a analogia que a pesquisadora Grada Kilomba faz entre uma máscara e as pessoas que eram escravizadas, sendo obrigadas a cobrir a boca, uma consolidação do projeto colonial de impor silêncio, “um silêncio visto como a negação de humanidade e de possibilidade de existir como sujeito” (RIBEIRO, 2018, s/p). Então ainda hoje mulheres são silenciadas. Santos (2019, p. 145) diz que: “o grito é o som original dos abissalmente<sup>12</sup> excluídos o primeiro passo na direção da resistência”. Nesse sentido, as poesias de Cristiane Sobral são gritos de resistência, protestos, reivindicações contra as formas de dominação e exclusão. No entanto, a luta continua. Ainda é preciso lutar!

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra literária “Não vou mais lavar os pratos” (2017) de Cristiane Sobral é uma obra social, política e cultural que traz nos poemas a luta, a representatividade, a experiência e a resistência. Os temas de sua produção são de grande relevância para afetar o leitor, visto que, versam sobre as minorias políticas e maioria da população, em que os corpos foram silenciados e apagados durante muito tempo. Ao discorrer sobre a maternidade como instituição que legitima a existência das mulheres, a ancestralidade, o questionamento das estruturas padrões e das funções socioculturais dominantes, o racismo, a subjetividade, opressão e outros a eu-lírica apresenta caminhos possíveis de ruptura dos moldes hegemônicos.

O protesto e a resistência foram pontos recorrentes no desenvolvimento poético de Sobral, suscitando reflexões e questionamentos acerca das opressões e exclusões impostas pela sociedade e que persistem até os dias atuais. Através dos poemas trabalhados no presente artigo, foi possível perceber que a autora os constrói de forma grandiosa no desejo de “impor outras opções estéticas, políticas e ideológicas”

---

<sup>12</sup> Segundo Boaventura de Souza Santos: “O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras (2007, p. 71).

(SOBRAL, 2017). A sujeita poética traz para o espaço literário as marcas históricas que o corpo negro carrega e problematiza o caráter violento da desigualdade racial na sociedade. Ressalta-se que esse estudo em momento algum teve o intuito de restabelecer essa voz silenciada pelo tempo. O diálogo com as ideias apresentadas e interpretadas contribuem para o processo criativo de surgimento de novas pesquisas. Sendo assim, reitera o inacabamento desse estudo, ou seja, as discussões que foram apresentadas não são rígidas e absolutas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, M. **A versificação em língua portuguesa**. In: Editora Delta, p. 533 a 537. Rio de Janeiro: Delta, 1960.
- CONCEIÇÃO, E. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Org: Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREDERICO, G.; MOLLO, L. T.; DUTRA, P. Q. "Quem não se afirma não existe": entrevista com Cristiane Sobral. **Estud. Lit. Bras. Contemp.** (51) , Ago/ 2017.
- GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização: Flavia Rios; Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Cadernos De Campo. São Paulo, 1991.
- NOGUÊZ, S. M. V. A poética de Manuel Bandeira em tema e voltas. **Scripta Alumni** - Uniandrade, n. 17, 2017.
- RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. Instituto Kuanza, São Paulo, 2006.
- RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** Companhia das Letras, São Paulo: 2018.
- SANTOS, M. C. **Intelectuais negras: prosa nego-brasileira contemporânea**. Tese (doutorado). Juiz de Fora, 2018.
- SILVA, A. S. Resenha: Não vou mais lavar os pratos. **Estação Literária**. Londrina, Vagão-volume 8 parte A, p. 165-167, dez. 2011.
- SILVA, F. C. **"Ser mãe é padecer no paraíso": a tematização do amor materno em Não vou mais lavar os pratos, de Cristiane Sobral**. Literafro, 2021. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/205-ser->

[mae-e-padecer-no-paraiso-a-tematizacao-do-amor-materno-em-nao-vou-mais-lavar-os-pratos-de-cristiane-sobral-critica](#) Acesso em: 15 de novembro de 2021.

SOBRAL, C. **Não vou mais lavar os pratos**. 3ed. Revista ampliada do autor, 2017.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo A afirmação das epistemologias do Sul**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, B. S. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 78, out., p. 3-46, 2007.

SOUZA, T. C. S. P. (Des)construindo discursos e papéis socioculturais em “não vou mais lavar os pratos”, de Cristiane Sobral. Capoeira – **Revista de Humanidades e Letras** | Vol.1 | Nº. 2, 2015.